



TELEJORNALISMO

O Jornalismo ganhou amplidão com o Rádio, mas foi a TV que o transformou em *pop star*. É fácil encontrar justificativa a partir do conceito de *referência* – base sólida de conhecimento que ajuda a ampliar o campo de argumentação, que pode ou não estar presente na confecção do trabalho jornalístico, apontando a relação que as coisas têm entre si.

No Brasil, o TeleJornalismo tem DNA radiofônico, como em todo o resto do mundo. Mas decifrar o código genético daqui é fácil: basta dar uma olhada na história para ver que tudo começou a partir do primeiro projeto político de Comunicação adotado pelo governo federal. Através do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, o Estado Novo (1937-1945) fez da Rádio Nacional um instrumento eficiente para implantar valores nacionalistas e padrões de comportamento da Era Vargas. O empurrãozinho da agência de propaganda norte-americana McCann-Erickson era o

que faltava para transformar o rádiojornalismo brasileiro, que até então contava somente com a retórica burocrática de divulgação das ações governamentais de Getúlio Vargas, através da Hora do Brasil.



Desenvolvido por publicitários em 1941, o Repórter Ezzo era produto de propaganda dos Estados Unidos contra o nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Pensado como noticiário local a ser implantado em diversos países, o programa inovava em formato, linguagem e conteúdo.

Inserido na programação da Rádio Nacional, o Repórter Ezzo fez enorme sucesso. O programa era tão moderno que foi o primeiro a seguir um manual de produção e estilo, valorizando o texto curto, direto e preciso, além da leitura emocional e da definição de tempo para cada tipo de notícia. Luciano Klöckner destaca:

“...o formato inovador do noticiário não influiu somente na área profissional, mas, também, nas disputas políticas, ideológicas e culturais da época.”

O fim do conflito mundial trouxe novos ventos para a política brasileira, que pôs fim ao antigo regime. Mesmo assim, no final da década de 1950, antes da implantação efetiva das transmissões televisivas, a Rádio Nacional monopolizava a audiência em todo o país com uma programação baseada no tripé música-novela-notícia. Mas o peso do entretenimento sempre foi preponderante e as concorrentes (Rádios Mayrink Veiga e Tupi) seguiam o mesmo esboço de programação.

Quando foi inaugurada em 1950, a TV Tupi adotou o suporte de programação das emissoras de rádio e dois anos depois colocava no ar o *Repórter Esso* em versão televisiva. O noticiário adotava a mesma metodologia da produção radiofônica, porém a diferença era acentuada pela inserção de imagens. A edição, pontualmente no ar às 19:45h, era exibida nos estados onde a TV já havia chegado (SP, RJ, MG, PE e RS). Apesar de locutores distintos (ainda não havia satélites, nem programação em rede como conhecemos hoje), a uniformidade do programa se mantinha porque as emissoras se abasteciam nas mesmas fontes: a Agência Nacional e *United Press Internacional*.

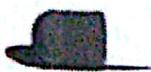
O jornal conquistou junto ao público da TV a mesma credibilidade que tinha na época do rádio. Mas anos depois, a censura imposta pelo regime militar (1964 – 1984) não só contribuiu para encerrar a carreira do *Repórter Esso*, em dezembro de 1970, como também deu início ao esvaziamento e falência dos Diários Associados na década seguinte.

Nesse mesmo espaço de tempo, nascia a TV GLOBO (1965), que também adotou a regra de ouro da programação: entretenimento e notícia. A emissora carioca comandada por Walter Clark reuniu as experiências de sucesso das concorrentes Tupi, Record, Excelsior e TV Rio. O caminho mais curto até o topo da audiência, segundo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho - Boni, foi buscar uma grade original permeada por produções de teledramaturgia mais caprichadas e fazer o telejornalismo bater de frente com a concorrência. Então, depois de colocar no ar alguns telejornais, surge finalmente o *Jornal Nacional*, no ar pontualmente às 19:45h, devidamente ensanduichado por duas telenovelas. Portanto, é fácil chegar à conclusão de que assistir TV é também uma questão de hábito.

O JN, cuja história você deve conferir na biografia do telejornal, manteve os mesmos princípios implantados pelo *Repórter Esso*: dinâmica de notícias, síntese e objetividade. A inovação ficou por conta da valorização da imagem e da linguagem, optando pelo vocabulário coloquial, além da introdução de *sonoras* – entrevistas filmadas.



Na época, imagens e entrevistas eram captadas por câmeras de cinema. E assim como a Rádio Nacional serviu aos interesses do Estado Novo, a Globo apesar das negativas veementes, teria recebido alguns privilégios durante o regime militar (1964 – 1984), que investiu pesado na implantação de um poderoso sistema de telecomunicações através da Embratel. A emissora foi a primeira a transmitir sua programação *via satélite* – a integração nacional identificada com a proposta de uma nova fase de política nacionalista.



A legislação brasileira que trata das concessões dos serviços de radiodifusão obriga as emissoras de televisão a cumprir “sua finalidade informativa, destinando um mínimo de 5% (cinco por cento) de seu tempo para transmissão de serviço noticioso”. Este artigo do Código Brasileiro de Telecomunicações instituído em 1962, jamais foi alterado.

O processo de redemocratização do país deflagrado a partir do fim do regime de exceção retirou os censores das redações e o Jornalismo respirou novos ares de liberdade de

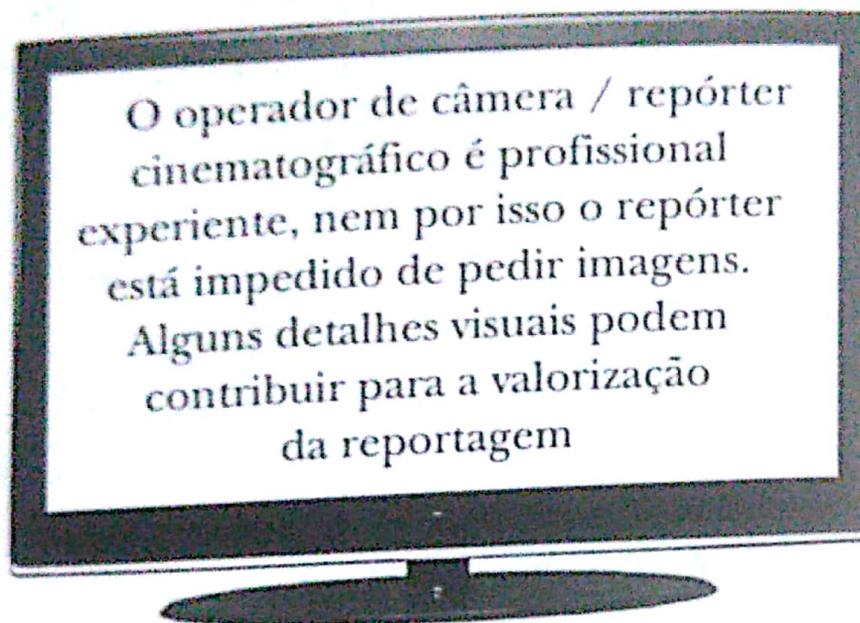
expressão. Desde então, o tempo de produção e veiculação de notícias nas emissoras de televisão foi aumentando gradativamente e a resposta da audiência foi tão positiva que o entretenimento abriu espaços para a inserção de notícias. O esquema de programação (*Grade*) ganhou edições em horários para todos os tipos de público: manhã, tarde, noite ou a qualquer momento durante a programação. Apresentadores de telejornais ficaram mais conhecidos e populares, assim como os repórteres mais talentosos firmaram suas identidades no vídeo. E sem dúvida, a consolidação do telejornalismo faz com que algumas notícias causem ainda e por longo tempo, maior impacto na opinião pública.

NOVO MODELO

Em meados da década de 1970, a fórmula conceitual do telejornal ganhou novos ingredientes que viriam formatar o novo modelo de TeleJornalismo no Brasil. A evolução tecnológica foi responsável pelo processo de mudança do filme para o videoteipe. Os jornalistas de TV nos Estados Unidos foram os primeiros a desfrutar das possibilidades do vídeo (*Gravar e regravar usando a mesma fita várias vezes*) e criaram efetivamente os novos moldes da reportagem para TV, usados até os dias atuais.

Na TV, as imagens se encarregam de descrever os fatos e o jornalista precisa aprender apenas a contar como as coisas aconteceram sem ficar preso a minúcias. A particularidade será citada somente quando for essencial para compreensão da notícia, mesmo assim evitando a descrição do que as imagens já mostram. Esse repórter vai apurar tanto quanto repórteres de outros veículos, mas pela dinâmica televisiva

deverá enxugar o volume de informações obtidas, porque em TV só o essencial interessa.



ESTRUTURA TÉCNICA

OFF – É o texto que vai contar ao telespectador o que ele está vendo na tela da TV. O termo **OFF** é usado porque o repórter não está em cena, é a voz dele que cobre as imagens, narrando (contando) os acontecimentos. O **OFF** compõe a maior parte da matéria de TV, integrando informações textuais aos elementos visuais e sonoros. Normalmente, é escrito e gravado tão logo a reportagem termina, quando o repórter já terá idéia de como vai contar o que aconteceu. É mais interessante o repórter gravar o **OFF** como se estivesse contando uma história para os amigos. Tenha prazer na leitura daquilo que você escreve, saboreie as palavras e o sentido que elas dão ao seu texto. Ênfase mesmo, só nas palavras mais fortes e números. Tente apenas ser você

mesmo, sem cantar ou representar. Fale com vivacidade, dinamismo, entusiasmo e principalmente, naturalidade.

! Na TV, o mais importante é ter clareza vocal, portanto pronuncie todas as palavras corretamente. Não precisa gritar. É por isso que o uso de palavras simples e frases curtas tornam a leitura mais dinâmica.

CABEÇA DE REPÓRTER – É a presença do repórter no vídeo, no início, meio ou final da matéria. Ela dá credibilidade à notícia, já que mostra ao telespectador que o repórter esteve mesmo no local e de lá, conta o que aconteceu. Por isso é importante escolher bem o momento de gravar a **cabeça**. Ela serve para mostrar um ponto de interesse, um fato que pode explicar um ponto relevante da notícia ou ligar pontos na reportagem. Para isso bastam quinze, vinte segundos, o equivalente a duas, três frases. É como se o repórter entrasse no vídeo dizendo: "Olha, telespectador, isso aqui é importante você saber!"

A **cabeça** também é a assinatura do jornalista na reportagem, para que o público possa identificar quem está dando a notícia. O repórter faz duas, três, às vezes até quatro reportagens num só dia e precisa de bom senso para decidir em qual delas vai entrar – gravar uma **cabeça**. Existem matérias que não oferecem o item que faça valer a presença dele, mas o repórter acaba gravando algo que não acrescenta nada ao telespectador só para não deixar de aparecer. A **cabeça** é uma opção que marca o trabalho do repórter. Deve ser criativa sem ser exagerada e não pode se transformar num palanque para a vaidade do jornalista. É melhor aparecer pouco provocando impacto do que tornar trivial sua presença no vídeo. É também por exigência dessa

mecânica que o repórter de TV deve estar sempre bem disposto no vídeo. Atualmente, a aparência vale tanto pelo vestuário quanto somente pela beleza. A idéia é não permitir que o rostinho bonito do repórter chame mais atenção do que a notícia. Mas isso a gente discute daqui a pouco.

TIPOS DE CABEÇA DE REPÓRTER:

ABERTURA (AB) – Praticamente abolida do vídeo, mas nada impede que o repórter apareça logo no início da reportagem contando alguns fatos. Se isto ocorrer, provavelmente é porque não tem imagens para cobrir o início da matéria. Este recurso foi deixado de lado porque hoje a edição pode contar com recursos gráficos (arte, ilustração) ou a gravação de simulações para suprir a falta de imagens reais. Mas se não houver tempo hábil para essa produção, o repórter pode optar por gravar uma AB, mantendo atenção no cuidado do enquadramento que deve ser diferente daquele usado pelo locutor no estúdio (plano médio aproximado ou close).

Já há algum tempo os telejornais colocam o repórter ao vivo para que ele mesmo chame seu VT, que pode conter uma passagem no vídeo.

PASSAGEM (PASS) – O repórter aparece no meio da matéria e passa destacando um ponto da história; fazendo a transição de um assunto ou de ambiente; ou encaminhando o tema para entrevista (evitando o chavão: "estamos aqui e vamos conversar com fulano de tal"). É a cabeça mais usada porque dá ritmo à edição da matéria, quebrando a monotonia do off. O ideal é que a gravação da passagem seja feita no ambiente dos acontecimentos, que pode ser durante a ação dos fatos ou não.

! Numa passagem, o repórter só deve andar quando isso contiver uma informação ou for essencial para o espectador entender o que está acontecendo.

Imagine um acidente de trânsito onde o ônibus perdeu a direção, batendo violentamente na pilastra de um viaduto. A equipe de reportagem chega ao local enquanto os bombeiros resgatam as vítimas, usando inclusive um helicóptero para remoção dos feridos graves. O repórter também obteve informações com os peritos, que ressaltaram que não houve freada brusca do veículo, pois não há marcas de pneus no asfalto. Segundo a perícia, o motorista teria sofrido um enfarte fulminante enquanto dirigia e não teve tempo de frear o ônibus. O repórter pode optar por uma das duas informações e gravar a *PASS* com o helicóptero ao fundo ou contando sobre a ausência de freada no asfalto. Nessa opção, é preciso gravar também uma entrevista com o perito confirmando a versão. A resposta dele vai *chancelar* o que disse o repórter.

Bola Dentro: a gente sempre precisa saber se está trabalhando direito. Logo no começo de 1986 - meu segundo ano como repórter da TVE, o presidente José Sarney lançou o plano Cruzado contra a inflação e decretou o congelamento de preços. Na hora do almoço, houve um quebra-quebra no Centro do Rio de Janeiro, porque a população se revoltou com o reajuste de preços que os comerciantes estavam fazendo. A lanchonete do BOB'S, no Largo da Carioca, foi depredada. Quando cheguei lá, encontrei tudo destruído e um painel quebrado, onde os preços estavam cobertos por fita isolante. Até a caixa registradora estava jogada no chão. Decidi fazer uma *passagem* contando que o motivo da depredação foi o aumento nos preços dos sanduíches,

sucos e refrigerantes e mostrei a caixa registradora. Saí de lá, complementei a matéria mostrando o bafafá que estava acontecendo pela cidade e voltei para a redação. Editaram meu VT e fui para casa. À noite, explodi de satisfação, porque depois de assistir minha reportagem na TV E, fiquei ligada no Jornal Nacional quando vi que a *passagem* feita pela Fernanda Esteves (uma super-repórter já consagrada enquanto eu começava) era praticamente igual a minha. Nem eu, nem ela nos vimos gravando e foi isso que me fez perceber que eu estava no caminho certo.

ENCERRAMENTO (ENC) – O repórter se utiliza desse recurso para concluir a matéria, dando informações que fecham a reportagem. É mais usada pelo telejornalismo americano e europeu, onde muitas vezes o repórter conclui a reportagem fazendo um comentário sobre o assunto. Serve ainda para assinar a matéria, citando o lugar onde está e o nome do repórter. E ainda para qual telejornal ele fez a reportagem. As emissoras adotam esse recurso principalmente na finalização de boletins.

O encerramento também é utilizado quando a notícia depende de uma resposta e ela é efetivamente a última informação que o repórter tem para acrescentar à reportagem e pode mesmo ser a última coisa que ele grava. Isso é bastante comum quando é preciso dar uma posição oficial de pessoas, organizações privadas ou instituições públicas sobre o assunto em pauta.

É o que pode acontecer numa reportagem sobre médicos que denunciam empresas de planos de saúde. As empresas estariam exigindo a redução do uso de medicamentos e do período das internações hospitalares, e ainda obrigando os médicos a não pedirem tantos exames laboratoriais. Além

de ouvir pacientes que confirmam a denúncia, o repórter também vai ouvir os representantes dos planos de saúde. Se a direção das empresas denunciadas não quiser gravar entrevista, mas der uma declaração através da assessoria de imprensa ou nota oficial sobre o assunto, o repórter deixa esta informação para encerrar a matéria.

Há também o encerramento **SONORO**, quando o repórter assina sua matéria em **OFF**, dizendo o local onde está, o próprio nome e o nome do jornal para o qual fez a reportagem.



A entrada (**CABEÇA**) do repórter no vídeo deve ter sempre uma justificativa. Se ele quiser se movimentar, também precisa de um motivo. Não se pode caminhar, abaixar, levantar ou fazer qualquer outro movimento ou gesto, sem que ele se justifique no contexto da notícia.

SONORA (SON) – É a gravação da entrevista. São as **perguntas chave** que vão chancelar as informações que o jornalista apurou e vão contar em seu texto **OFF** e na **cabeça**. É comum gravar duas, três perguntas. A edição costuma usar o trecho mais importante. Antes desse momento, o repórter apura um grande volume de informações – é a chamada **pré-entrevista**, que não costuma ser gravada em sua totalidade, mas é a oportunidade do cinegrafista captar imagens dos entrevistados. Imagens que serão usadas para cobrir o texto **OFF**. Para facilitar a edição, a captação de imagens deve ser objetiva. A conversa serve para que o repórter defina quem - se houver mais de um entrevistado - deve ser gravado e que perguntas serão feitas durante a gravação da **sonora**.



Há casos em que a pré-entrevista é gravada integralmente: quando se trata de personagem que tenha muito mais coisas a dizer. Mesmo se forem pessoas comuns que sejam foco principal de um assunto. Essa regra também vale para personalidades públicas que nem sempre estão disponíveis à imprensa, mas que em algum momento foram ou são notícia.

Quantas perguntas você faria se tivesse a oportunidade de encontrar o ex-deputado José Dirceu ou o traficante Fernandinho Beira-Mar?

É usual o repórter identificar o entrevistado antes de começar a gravar a entrevista para ajudar o editor no trabalho de edição.

Sonora com Carlos Abranches, oftalmologista; sonora Maria Silva, costureira; entrevista com Antonio Santos Dutra, padeiro.

Mas se você estiver diante de alguém conhecido como Pelé, Chico Buarque, Fernanda Montenegro, essa é claro é uma atitude dispensável.



DICA: nas entrevistas gravadas em matérias produzidas, faça o possível para deixar seu entrevistado à vontade. Se durante a gravação você perceber que ele está nervoso, fala de forma confusa ou muito técnica, pare. Tente fazer com que o entrevistado se sinta seguro, que explique melhor, de forma coloquial o que tem para dizer. Nas entrevistas factuais não existe essa preocupação. O importante é o depoimento, seja do jeito que for. É claro que se um entrevistado (presidente, ministro, governador, etc...) falar de um modo que ninguém entenda, faça a pergunta novamente, pedindo para que ele explique-se com mais clareza.

Estes são elementos estruturais da matéria de TV. A forma básica e mais usada ao montar o roteiro de reportagem é:

Off + pass + son + off + son

Mas você pode montar sua matéria como quiser:

Off + son + pass + off + son

Ab + off + son

Off + son + off + enc

Son + pass + off + son

Off + son + off + pass + son + off

Son + off + son + pass + son + off

Off + pass + son + off + son + enc

Fiz uma reportagem, cuja pauta eu mesma sugeri, sobre uma favela que crescia num terreno na avenida presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro. Qual a razão para a matéria já que a Cidade Maravilhosa tem favelas brotando em vários pontos? Bem, a nova favela se localizava diante da sede da prefeitura da cidade, vizinha de prédios comerciais e grandes empresas como Metrô, Oi, Correios. Nos barracos, adultos e crianças viviam em condições miseráveis. O cinegrafista fez imagens muito boas e consegui também ótimos depoimentos dos moradores. Veja como montei a reportagem:

OFF: *O endereço é nobre.// Na vizinhança, grandes empresas.// Mas este terreno na avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio, perdeu o valor desde que foi ocupado por barracos.// Na favelinha dos Correios a situação é muito ruim.// Não há fonte de água limpa e o esgoto toma conta do lugar.// A luz chega através de ligações*

clandestinas e perigosas.// Por conta disso, crianças e idosos vivem doentes.// Alguns já se feriram gravemente com o álcool usado nos fogareiros para cozinhar.// O risco é enorme para todos os 250 barracos.// Se houver um incêndio, a situação de dona Geralda é das mais difíceis, pois ela não consegue mais andar.//

SON: *D. Geralda e outros moradores (falaram sobre os problemas de viver ali, naquelas condições)*

OFF: *Mesmo sem espaço, a favela não pára de crescer.// Já são quase mil pessoas morando no terreno.//*

PASS: *Quem passa pela avenida não consegue ter noção do que acontece atrás do muro.// Mas se aqui do alto da passarela já dá para ver parte dos barracos, imagina só quem está lá no décimo terceiro andar daquele prédio.//*

(o movimento de câmera (PAN) saiu de mim, em primeiro plano e fez um zoom apontando para o prédio)

OFF: *É que nesse andar fica o gabinete do prefeito do Rio de Janeiro.// Da janela dele a visão é total.// A Secretaria Municipal de Habitação sabe da existência da favela.// Os barracos já foram até cadastrados, mas até agora nada foi feito para retomar o terreno ou melhorar as condições da comunidade.//*

SON: *moradores (pedindo outro lugar para viver)*

SON: *secretário municipal (justificando o cadastramento e os planos para os moradores)*

? O sinal barra // é usado para facilitar a leitura. Num texto, o sinal ajuda o leitor a visualizar o momento de respirar.

/ = vírgula // = ponto ///// = ponto final



PULO DO GATO: nessa reportagem precisávamos fazer imagens do alto do prédio da Prefeitura, para fazer o público entender que de lá, o prefeito podia ter visão do problema. Mas se soubessem que nossa matéria faria uma crítica à gestão municipal, certamente não teríamos autorização. Por isso mesmo a primeira locação de nossa reportagem foi na sede da prefeitura. Informamos na portaria do prédio que iríamos até o andar da Secretaria de Saúde, mas pegamos o elevador até o 12º andar. O cinegrafista Alexandre Cavalcanti e o auxiliar Pedro Balalai, foram até o banheiro masculino, que dava visão para a favela e de lá, gravaram as imagens no mesmo ângulo do gabinete do prefeito. Depois, saímos da prefeitura em direção à passarela que atravessa as pistas da avenida e gravamos a passagem e mais algumas imagens do terreno ocupado pelos barracos, que serviriam de apoio à edição. Por fim, entramos na favela, conversamos com os moradores, que se queixaram muito das condições em que viviam.

ATENÇÃO: toda vez que quiser abrir espaço para sua entrada no vídeo ou para a sonora de algum entrevistado, você deve se preocupar em escrever de forma que fique evidente para o telespectador o encaminhamento até aquela fala. Isso é a *Deixa* do texto. É a ‘costura’ das frases que abre caminho e harmoniza a entrada do repórter e das sonoras. Mas o vocábulo *Deixa* é usado especificamente como elemento do roteiro de edição do telejornal. A *Deixa* do editor funciona como marcação de texto de entrada e saída de um VT durante a exibição. Você vai ver mais detalhes sobre isso no capítulo sobre Edição.

Como já disse, o repórter deve imaginar como vai estruturar sua matéria enquanto está fazendo a reportagem. O roteiro que pensa e prepara é quase uma pré-edição da reportagem que vai ser editada e isso agiliza muito o trabalho do editor. Defina por onde começar, escolha bem o momento ou ponto mais adequado para gravar sua entrada na matéria (*cabeça de repórter*) e grave as sonoras. Pronto! Depois disso você já pode escrever o texto off.

Parece complicado 'encaixar' um pequeno texto (*cabeça de repórter*) que você grava durante reportagem, antes de escrever o texto final. Depois de um tempo, com a prática você se adapta. É só imaginar como você 'monta' sua matéria. É o tal quebra-cabeça. Essa montagem é uma espécie de pré-edição, que bem estruturada receberá por parte do editor, alterações mínimas ou mesmo nenhuma. Em princípio, o editor só modifica a estrutura proposta pelo roteiro de reportagem se for para melhorar a forma de contar a história ou para cortar algum erro gramatical do repórter, falha na informação, ou ainda na seqüência textual que não seja harmoniosa com as sonoras ou imagens.



DICA: quando tiver que mudar de ambiente – de dentro para fora ou o inverso, procure mostrar a transição de forma seqüencial sem ficar indo e vindo. Por exemplo, se a matéria fala sobre compras de Natal mostre o movimento na rua e só depois vá para dentro da loja. Se um crime aconteceu num apartamento, mostre o local externamente e depois o interior do imóvel. Ou vice-versa. Nada é pior para a compreensão do telespectador que o entra e sai desordenado. Isso sem falar na dor de cabeça que você vai dar ao editor. Não esqueça que muitos repórteres um dia serão editores.

Você viu que a estrutura da reportagem é flexível, mas a matéria precisa ser encaminhada com *seqüência lógica* para que o telespectador compreenda a notícia de imediato. O ideal é gravar apenas uma *cabeça* em cada matéria. Mas grave a *cabeça* no mínimo duas vezes, porque as equipes que ainda usam equipamentos de vídeo com fitas, podem sofrer problemas técnicos e perder sua gravação. E mesmo usando as novas tecnologias, é bom ter no mínimo duas opções de escolha. Uma das *cabeças* sempre fica melhor que a outra.

ATENÇÃO: o tempo na TV tem um preço muito alto e os telejornais não costumam ser fonte de lucro igual a outras produções (novelas e programas) nas emissoras. Na TV, as reportagens seguem um padrão de tempo de edição que varia de 1 a 2 minutos. Se a matéria factual é boa e bem contada, pode ganhar mais tempo da edição, mas nos telejornais só ultrapassam esse limite quando o assunto exige. *VTs* maiores são matérias especiais ou séries, reportagens para revistas eletrônicas, documentários ou programas de entretenimento.

Existem ainda outros recursos que podem ser utilizados na realização da reportagem de TV. São eles:

SOBE SOM – Ou *sobe áudio*. É todo som registrado pela câmera que possa ser usado na matéria. Ou seja, se durante as filmagens há determinados sons que são importantes para a reportagem, além das *sonoras*, eles podem valorizar a notícia.

Quando a equipe está acompanhando uma operação policial e ocorre um tiroteio, a câmera vai registrar o áudio ambiente dos disparos. O repórter poderá falar sobre isso no texto e a edição vai abrir espaço para o som do tiroteio. Ou ainda se a câmera registra uma discussão e o áudio

ambiente é nítido, às vezes o bate-boca é mais esclarecedor do que uma declaração expressa do envolvidos na briga.

No roteiro do telejornal, **SOBE SOM** é também uma marcação técnica para que o operador de áudio ou sonoplasta abra o som do aparelho de reprodução do VT que vai ao ar. É ainda denominação de recurso de sonorização (música ou efeitos) nas matérias editadas.

Você vai entender melhor no capítulo sobre edição, mas vou citar um rápido exemplo do uso do **SOBE SOM** num roteiro de reportagem comum. Houve o lançamento de um programa de ação social do governo estadual do Rio de Janeiro. A cerimônia aconteceu na concha acústica da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro e reuniu centenas de jovens de comunidades pobres da capital. Depois de receberem treinamento, eles iriam trabalhar e receber um salário mínimo. Estructurei a reportagem desse jeito:

SOBE SOM: jovens cantando o Hino Nacional

OFF: *Estes jovens têm entre 16 e 22 anos.// Noção de cidadania, eles só tem um pouco através do Hino Nacional.// Assim mesmo num canto vacilante.//*

SOBE SOM: outro trecho dos jovens cantando um trecho do hino

OFF: *A perspectiva desses rapazes e moças nas comunidades onde vivem é a exclusão social.// Como não é isso que eles querem, falam em mudanças.//*

SON: *Ronaldo Santos ("eu quero melhorar as condições de vida da minha família e da minha comunidade").*

OFF: *Ronaldo e mais 250 jovens vão poder fazer isso depois que aprenderem mais sobre direitos, deveres, justiça, saúde, higiene e limpeza.// Depois, vão ter que passar o conhecimento adiante, na comunidade onde vivem.// Pra isso, vão receber um salário mínimo por mês, durante os próximos dez meses.//*

SON: *governador do Rio de Janeiro falando dos benefícios do projeto.*

SON: *adolescente falando sobre a importância do trabalho que vai realizar na comunidade*

SOBE SOM: *fecha VT com jovens cantando novamente o Hino.*

POVO FALA – É como a TV chama uma enquete. O repórter vai às ruas e faz perguntas sobre determinado tema para várias pessoas, aleatoriamente. Com as respostas que obtiver pode tirar ou não uma conclusão sobre o assunto da reportagem. Muitas vezes o povo fala é usado para abrir as matérias. Normalmente a edição abre com a pergunta principal seguida de trechos de respostas de várias pessoas. Fiz uma reportagem sobre poluição nas praias da zona sul carioca, enquanto técnicos do governo municipal e estadual divergiam sobre as condições de banho, os frequentadores não queriam saber da briga, queriam mesmo cair n'água.

OFF: *Se estes banhistas fossem técnicos ambientais, a orla marítima carioca teria um laudo: praias liberadas.// Para eles não há mais qualquer problema no mar, a água está limpa e pronta para o banho.//*

POVO FALA: **Várias respostas dizendo SIM à pergunta: Você acha que o mar está limpo?**

OFF: *Opinião bem diferente tem os técnicos da FEEMA - Fundação Estadual do Meio Ambiente.// Para eles, as praias de Copacabana, Ipanema, Leme, Praia Vermelha e do Diabo devem continuar exibindo placas de aviso da interdição feita pelo governo do estado.// Já os técnicos da prefeitura concordam com os banhistas.// Por eles, todas as praias estão liberadas.// Estado e município só concordam numa coisa: a praia do Leblon está contaminada por coliformes fecais.// Mesmo depois do conserto no emissário submarino feito pela CEDAE, ainda existem dois pontos críticos na praia.// O canal da avenida Visconde de Albuquerque continua jogando esgoto direto no mar.//*

Nem sempre é necessário identificar (creditar com caracteres) quem está dando opinião.



DICA: *no povo fala*, esteja atento para ver quem se aproxima. Avise o cinegrafista para ficar ligado e vá direto ao alvo. É mais fácil obter a resposta de bate-pronto do que tentar convencer as pessoas a parar para falar com você. Quase sempre elas dizem que estão com pressa ou fogem quando vêem a câmera. Quando as pessoas se dispõem a falar, o cinegrafista só precisa procurar uma posição em que possa fazer o melhor enquadramento dos entrevistados.

STAND UP - Quando não há possibilidade de imagens, quando não há tempo suficiente para editar a matéria, a solução está na agilidade do repórter em contar tudo que apurou falando diretamente para a câmera. O **stand up** é um recurso que garante a notícia na TV, mesmo sem imagens do fato. É uma forma de mostrar que a TV pode ser tão rápida quanto o rádio. A informação é transmitida apenas pelo repórter no local do acontecimento, gravado ou

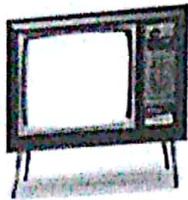
ao vivo. O enquadramento deve ser em primeiro plano e pode variar de 30 segundos a um minuto e meio, depende apenas do volume de informações que o repórter tem para dar ou do tempo definido pela edição. Você já deve ter visto Heraldo Pereira, Délis Ortiz, Cristina Lemos ou Zileide Silva, com as notícias políticas de Brasília. É comum eles fazerem *stand ups* diretamente do Congresso Nacional ou do Palácio do Planalto.

Todo repórter deve estar preparado para fazer um *stand up* gravado ou vivo e nem sempre vai falar sobre política. Vou dar como exemplo um *stand up* que fiz em outubro de 1999, quando o jogador de futebol Edmundo foi passar uma pequena temporada na cadeia, por causa do processo onde era acusado de ter provocado a morte de três pessoas num acidente de trânsito. Como nenhuma equipe de TV conseguiu ter acesso à cela onde o jogador ficou preso, a saída para os repórteres foi o *stand up* para contar como foi a primeira noite do atleta na delegacia. Ficou assim:

STAND UP: *Hoje cedo Edmundo recebeu a visita do massagista do Vasco, Pai Santana, que ficou quinze minutos com o jogador.// Ele disse que Edmundo está muito abatido.// Na primeira noite na cadeia, o atleta dormiu numa cela com seis homens.// A curiosidade é que todos foram presos porque não pagaram pensão alimentícia.// O caso de Edmundo é diferente.// Ele foi considerado culpado pela morte de três pessoas, num acidente de trânsito na zona sul do Rio, em 95.// O jogador foi condenado a 4 anos e meio de prisão em regime semi-aberto. // Edmundo vai ficar aqui no xadrez da Polinter, no centro do Rio, até que seja transferido para um presídio.// Ou até que os advogados dele consigam um habeas-corpus junto ao Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, o que*

pode acontecer ainda hoje.// Do Rio de Janeiro, Regina Villela para o Rede Brasil Tarde.//

O ideal é que o repórter entenda bem a notícia que vai transmitir e fale de improviso. Se não for possível, escreva um pequeno texto e tente memorizá-lo. Se for inevitável leia o texto no papel com a maior discrição.



DICA: sempre que for fazer um *stand up* gravado ou ao *vivo*, ou mesmo gravar uma cabeça onde não haja movimento de cena, fique com os pés 'plantados' no chão, de forma que seu corpo fique firme sem estar retesado. Isso vai evitar que você fique balançando, como se estivesse num navio. Evite também mexer a mão que segura o microfone. Gesticule com a mão que estiver livre, mas não exagere (por isso é bom não segurar bloquinhos ou laudas).

BOLETIM—É a gravação de matéria sem cortes. É um recurso utilizado quando não há tempo suficiente para edição da reportagem. O repórter apura as informações e esquematiza a gravação, incluindo se possível, uma entrevista e abre o VT depois de combinar com o cinegrafista o movimento que a câmera vai fazer. Se ela "sai" do repórter para mostrar alguma cena que seja citada por ele e em seguida, faz uma sonora e depois, o encerramento.

A seqüência é sem cortes e num tempo que pode variar entre 1 minuto e 1 minuto e meio. Ou no tempo determinado pela edição, que às vezes pede imagens de apoio para que, havendo tempo hábil para edição, possa recheiar o VT com outros enquadramentos.

É comum o uso de Boletins em eventos especiais patrocinados pela emissora de TV ou em algum plantão

extraordinário durante a programação. Eventos como carnaval ou festivais de música, por exemplo, utilizam muito esse tipo de recurso com assinatura do repórter no encerramento.



DICA: quando estiver fazendo um boletim 'ao vivo', com sonora é importante informar ao público o nome e a função do seu entrevistado: "Eu vou conversar com João Antonio, diretor de trânsito...", "João Antonio, que é diretor de trânsito vai explicar porque...". Evite fazer movimentos com a cabeça, para não demonstrar acordo ou desacordo com o entrevistado. Apenas mantenha-se atento.

O Boletim também é chamado flash e pode ser preparado para entrar na produção dos VTs para o telejornal. Toda vez que ninguém acerta as seis dezenas da loteria Mega-Sena, por exemplo, quando o prêmio fica acumulado, paga uma fortuna. Um boletim sobre o assunto, gravado ou ao vivo poderia ser feito desse jeito:

BOLETIM: *É como dizem: pra ter sorte é preciso acreditar.// É muita gente está levando fé nisso.// As casas lotéricas estão lotadas.// O prêmio acumulado da Mega-Sena pode passar dos 50 milhões de reais.// Por isso tem gente apostando mais do que o de costume pra botar a mão nessa grana.// O senhor costuma apostar quantos cartões?// SONORA (apostadores na fila)// (volta para o repórter, que diz:) É quem ainda não fez nem sequer um cartãozinho ainda tem tempo de apostar.// As casas lotéricas ficam abertas até às sete da noite.// Com imagens de Fernando Mendes, Regina Villela para o jornal da TV.*

TEASER - É a gravação de uma ou duas frases (manchete) dita pelo repórter no local dos acontecimentos.

TEASER: Cearense que estava de férias em Mato Grosso volta pra casa, contaminado.// É o primeiro caso de febre amarela registrado este ano no Ceará.//

Apesar da máxima de que em TV planejamento é imprescindível, o Telejornalismo brasileiro entende que também é preciso utilizar aquela que é a melhor característica do Rádio – o improviso. Imagine o tempo perdido na transmissão de um 'vivo' que dependesse da redação dos editores de texto para alimentar a narrativa do apresentador ou repórter? Eu sou incentivadora do uso do improviso inclusive durante a gravação das cabeças de repórter.



PULO DO GATO: o improviso dá mais naturalidade ao jornalista. Mas para improvisar é preciso ter um nível de vocabulário excelente, para optar pela palavra mais adequada durante a fala e ainda ter conhecimento profundo da língua portuguesa, para ficar ligado, ouvir o que fala e não cometer erros gramaticais. A principal recomendação é ouvir aquilo que você fala. Se disser uma coisinha errada, o editor corta você do vídeo.

Uma das técnicas dos repórteres de rádio é a escolha de *palavras-chave* para concentrar as informações e através delas desenvolver o raciocínio, que vai ajudar na descrição dos fatos. Veja o exemplo:

Imagine um acidente ocorrido de manhã cedo, às 5 horas, envolvendo uma carreta de lixo que derrapou numa das pistas da Linha Vermelha, na zona norte do Rio. O acidente fez o trânsito parar. E é nesse tempo que a Unidade Móvel

de transmissão vai preparar um *link* com a emissora para que o repórter faça um vivo direto do local. Não houve feridos e o repórter já apurou com o motorista as informações que deu à polícia. Usando a técnica do improviso, o repórter anota palavras-chave para descrever a situação:

Acidente – 5 da manhã – carreta de lixo - duas toneladas
– Linha Vermelha – viaduto Ilha do Governador – pista
direção Rio – congestionamento – Antônio Teles – 46 anos
– fechada – óleo na pista – remoção – sem feridos

Nada impede que o repórter de TV adote a técnica para os vivos. Contanto que o repórter preste bastante atenção no que diz para evitar descrições detalhadas da imagem e também para não repetir informações. Considero o improviso muito importante porque desenvolve a nossa capacidade de se auto-editar, ou seja, exige concisão e a prática de encadear bem a linha de raciocínio. Meu improviso saiu mais ou menos assim no vivo para o telejornal das 7 da manhã:

VIVO: *Quem passa agora aqui pela Linha Vermelha, em direção ao centro do Rio encontra trânsito lento.// É que este caminhão de lixo derrapou próximo ao viaduto da Ilha do Governador.// Não houve feridos, mas a carreta virou e derramou toda a carga na pista.// São quase duas toneladas de lixo no asfalto.// Os garis tem dificuldade para limpar rapidamente tanta sujeira.// O motorista da carreta, Antônio Teles, de 46 anos, disse a polícia que não ultrapassou o limite de velocidade.// Ele contou que foi fechado por uma van e que o caminhão derrapou porque havia óleo na pista.// O motorista não conseguiu controlar o veículo, que acabou tombando.// O acidente aconteceu às 5 da manhã, mas até o momento a carreta permanece atravessada na pista, deixando apenas uma faixa para a passagem de veículos.// Dois guinchos tentam rebocar o caminhão, mas o trabalho vai levar mais tempo do*

que podem pensar os motoristas que usam este caminho.// Enquanto isso quem segue da Baixada e da Ilha do Governador em direção ao centro do Rio só precisa de uma coisa: paciência.//

Parece difícil, mas as palavras vão se encaixando naturalmente na construção das frases, numa textura coloquial, como se o repórter estivesse conversando com os telespectadores, contando sobre o **QUÊ** viu, ouviu, averiguou e confirmou. Essa técnica sugere espontaneidade e é o que mantém rica a comunicação rápida e objetiva. Por isso reitero a necessidade de uma bagagem cultural bastante rica. Quanto maior o volume de conhecimento, maior a destreza com as palavras e a facilidade de expressão oral. Num **VIVO** isso ajuda muito.